

A CARTA DE TIAGO

Éber Lenz César

A carta de Tiago é a mais prática do Novo Testamento (NT), e bem pode ter sido a primeira a ser escrita. As cartas do apóstolo Paulo, no geral, têm uma primeira parte doutrinária e, então, uma aplicação prática. A de Tiago, como veremos, quase não tem doutrina; mas é prática do começo ao fim. O apóstolo exorta seus leitores a viverem de acordo com a fé que professam. Ele diz enfaticamente: “*Não se limitem a ouvir a Palavra; ponham-na em prática*” (1.22). Posto que, “[...] *a fé por si mesma, a menos que produza boas obras, está morta*” (2.17).¹

Muito bem se expressou a respeito o Bispo Walter McAlister, presidente, fundador e professor do Instituto Bispo Roberto McAlister de Estudos, em uma série de Estudos em Tiago, no site do referido Instituto:

“Poucos autores do Novo Testamento falaram de maneira tão pastoral e prática [...]. Poucos falaram tão abertamente sobre o engano da religiosidade divorciada da submissão às Escrituras Sagradas. E poucos falaram tão apaixonadamente sobre a necessidade de um Cristianismo crente e praticante, ressaltando o casamento indissolúvel entre fé e obras.”

O autor dessa pequena e preciosa carta apresenta-se como “*Tiago, escravo de Deus e do Senhor Jesus Cristo*” (1.1). Qual Tiago? O Novo Testamento menciona quatro homens com esse nome: **Tiago**, irmão de João, ambos apóstolos, filhos de Zebedeu (Mc 1.19; At 6.12-14); **Tiago**, um outro apóstolo, filho de Alfeu, cognominado “*o menor*” ou “*o mais jovem*” (Mc 3.18; 15.40); **Tiago**, pai do apóstolo Judas, não o Iscariotes (Lc 6.16; At 1.13); e **Tiago**, um dos quatro irmãos homens de Jesus, na verdade, meio irmãos (Mt 13:55-56; Mc 6:3). Em parte alguma do NT se diz qual desses Tiagos escreveu a chamada Carta de Tiago. Entretanto, há fortes evidências de que foi esse meio irmão de Jesus, filho de José e Maria. A maioria, senão todos os teólogos e comentaristas bíblicos concordam a respeito.

Tiago e os outros meio irmãos de Jesus não creram nele como seu Messias e Salvador, não durante o ministério terreno de Jesus. A conversão desses irmãos se deu posteriormente à morte e à ressurreição do Senhor. Ressurrecto, Jesus apareceu aos seus muitos discípulos, e “*mais tarde, apareceu a Tiago*”, seu meio irmão (I Co 15.7). A morte sacrificial de Jesus e sua ressurreição convenceram e converteram Tiago. Mais provavelmente, foi ele quem *evangelizou* seus irmãos, que se converteram também. Sabemos isso porque Tiago e seus irmãos estavam orando no Cenáculo, com Maria e os apóstolos, quando o Espírito Santo desceu sobre o grupo, no Pentecostes (At 1.12-14).

Tiago cresceu espiritualmente e veio a ser um dos líderes da igreja de Jerusalém, diríamos hoje, um co-pastor, auxiliar do apóstolo Pedro.

¹Todas as citações bíblicas vêm da *Nova Versão Transformadora*, disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/nvt>. 06/09/2023. As poucas excessões serão indicadas ao final da citação.

“Por essa época, o rei Herodes Agripa começou a perseguir violentamente algumas pessoas da igreja [...]” (At 12.1). Tiago, o irmão de João, foi degolado, e Pedro foi preso. A igreja, abalada com a morte violenta desse Tiago, orou fervorosamente por Pedro. Aproveitou a Deus libertá-lo miraculosamente. Uma vez solto, Pedro foi à casa onde os irmãos oravam por ele, e lhes contou como o Senhor o havia tirado da prisão. De saída, pediu: *“Contem a Tiago e aos outros irmãos o que aconteceu”* (At 12.1-17). Obviamente, referia-se a Tiago, irmão do Senhor e seu auxiliar em Jerusalém.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos Gálatas, relatou que, depois de sua conversão e de algum tempo na Arábia e em Damasco, foi a Jerusalém para conhecer Pedro. Na oportunidade, encontrou-se também com *“Tiago, irmão do Senhor”* (Gl 1.19). Agradecido, escreveu: *“Tiago, Pedro e João, tidos como **colunas** reconheceram a graça que me foi dada e aceitaram a Barnabé e a mim como seus colaboradores. Eles nos incentivaram a dar continuidade à pregação aos gentios [...]”* (Gl 2.9). Tiago, *coluna*, líder importante da igreja, tanto quanto Pedro e João!

E tem mais. Por conta principalmente do ministério de Paulo, muitos gentios se converteram a Cristo. Os judeus cristãos mais legalistas, exigiram que fossem circuncidados. *“Os apóstolos e presbíteros se reuniram para resolver a questão [...]”* Esta reunião foi o primeiro Concílio da Igreja, o **Concílio de Jerusalém**. Pedro, Paulo e Barnabé discursaram sobre o assunto em pauta, mas a palavra final e decisiva foi de Tiago! Resolveu-se não impor aos gentios convertidos o que dizia respeito apenas aos judeus (At 15).

Por todas essas evidências, é natural atribuir a *“Tiago, irmão do Senhor”* a autoria dessa carta. Ele era um líder e pastor proeminente, profundo conhecedor da lei de Moisés e dos costumes judaicos. Sua carta reflete esse conhecimento e também um certo legalismo. Mas ele era um cristão e pastor zeloso e espiritual. A tradição afirma que ele era um homem de oração, o que também transparece em sua carta. Consta que ele orava tanto que tinha joelhos grossos como os de um camelo!

Uma vez que Tiago liderava a igreja em Jerusalém, parece lógico deduzir que ele escreveu sua carta naquela cidade. Não se sabe exatamente quando. Mas foi depois da perseguição iniciada por Herodes Agripa (em 44 d.C.) e antes do Concílio de Jerusalém (em 49 ou 50 d.C.). Tiago faz referência às provações que os cristãos estavam enfrentando, mas não diz nada sobre o importante Concílio de Jerusalém e o que nele se resolveu.

Por seu estilo e conteúdo, a carta de Tiago é muito diferente das outras cartas do Novo Testamento. A igreja vivia ainda seus primeiros anos. Suas doutrinas e teologia ainda não estavam elaboradas, como o seriam anos mais tarde, principalmente pelo apóstolo Paulo. E os cristãos não estavam sendo *“agitados de um lado para outro, levados ao redor por todo vento de doutrina [...] pela astúcia dos que conduzem ao erro”* (Ef 4.14, RA). Naquele contexto, Tiago não julgou necessário expor doutrina, mas, sim, encorajar os crentes a viverem a fé que confessavam e praticar a Palavra como a conheciam.

Aqueles crentes, os destinatários da carta, são mencionados na saudação inicial:

“Eu, Tiago, escravo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, envio esta carta às doze tribos espalhadas pelo mundo [...]” (Tg 1.1).

As doze tribos não existiam mais, há anos. Todavia, essa designação ainda era usada para referir a nação judaica dispersa pelo mundo. (Ver Jo 7.35). Essa dispersão, chamada **Diáspora**, começou com a derrocada do Reino de Israel (o do norte) pelos Assírios, em 722-721 a.C., e do Reino de Judá (o do sul) pelos babilônios, em 586 a.C. Anos mais tarde, durante os impérios grego e romano, ocorreram outras dispersões. Na época em que Tiago escreveu esta carta, já havia comunidades judaicas e Sinagogas em todo o mundo greco-romano (At 8.4). Em suas viagens missionárias, sempre que chegava a uma cidade, o apóstolo Paulo começava pregando numa Sinagoga (At 17.1-2, por exemplo). Ao que parece, cópias da carta de Tiago antecederam o apóstolo Paulo em pelo menos algumas daquelas cidades.

Tiago e os cristãos judeus da Igreja de Jerusalém presavam muito a lei de Moisés e as tradições judaicas. Tanto que quando Paulo visitou Jerusalém pela última vez, e se reuniu com Tiago e seus presbíteros, estes lhe disseram:

“Você sabe, irmão, quantos milhares de judeus também creram, e todos eles seguem à risca a lei de Moisés. Mas eles foram informados de que você ensina todos os judeus que vivem entre os gentios a abandonarem a lei de Moisés. Ouviram que você os instrui a não circuncidarem os filhos nem seguirem os costumes judaicos [...]”.

Em seguida, pediram-lhe que tranquilizasse seus compatriotas participando de um ritual de purificação judaico e fazendo o voto de nasireu (At 21.18-24).

A julgar pelo teor da carta, os judeus cristãos da dispersão não eram menos tradicionais do que os de Jerusalém. Por isso, a carta tem cerca de cinquenta citações diretas ou indiretas do Velho Testamento (VT). E tem muito de Moisés!

Além disso, os destinatários de Tiago tinham problemas circunstanciais, relacionais e espirituais específicos. Warren Wiersbe comenta, quase antecipando um esboço da carta:

“[...] Pelo fato de serem judeus, sofriam a rejeição dos gentios, e, pelo fato de serem judeus cristãos, eram rejeitados pelos próprios compatriotas [...]. Essa carta indica que a maioria desses cristãos era pobre e que alguns deles eram oprimidos pelos ricos. Passavam por grandes provações e enfrentavam tentações. Alguns cristãos davam toda a atenção aos ricos, enquanto outros eram roubados pelos ricos. Os membros da igreja competiam por cargos de liderança, especialmente na área do ensino. Muitos não viviam de acordo com sua profissão de fé. A língua também causava problemas sérios, a ponto de gerar conflitos e divisões na congregação. Outro problema dizia respeito à mentalidade mundana. Alguns cristãos estavam desobedecendo à Palavra de Deus e, por causa disso,

ficaram fisicamente enfermos; alguns estavam se afastando do Senhor e da igreja.”²

Tiago corrige e aconselha seus leitores levando em conta suas circunstâncias, problemas e necessidades: perseguição, provações, tentações, acepção de pessoas, competição, mundanismo, pecados da língua, falta de oração... Queria que eles fossem cristãos autênticos, praticantes da Palavra. Daí esta sua declaração famosa (e polêmica):

“A fé por si mesma, a menos que produza boas obras, está morta”. Ou, como lemos na versão Revista e Atualizada: “A fé, se não tiver obras, por si só está morta” (Tg 2.17).

O reformador Martinho Lutero não gostou nada dessas declarações de Tiago. Entendeu que o mesmo contradisse ou mesmo negou o precioso ensino do apóstolo Paulo sobre a *“justificação pela fé, independentemente das obras da lei”* (Rm 3.28). Até podemos entender Lutero - não concordar - posto que foi principalmente esse ensino de Paulo que o impactou e converteu. A *“justificação pela fé”*, o *“Sola fide”*, foi um dos temas principais da Reforma.

O Prof. Dr. Érico Tadeu Xavier, em um precioso estudo sobre *A Teologia de Tiago*, comenta:

“Preocupado em afirmar a doutrina da justificação pela fé, Lutero foi duro com a carta de Tiago. Chamou-a de ‘epístola de palha’ [...]. Este pensamento errôneo de Lutero ainda permanece em muitas mentes. Mas deve ser entendido dentro do contexto em que as palavras dele foram proferidas. Elas constam de seu prefácio à primeira edição da Bíblia Alemã, onde ele se expressa sobre os livros que mais mostram a pessoa de Cristo. Após nomeá-los, disse Lutero: ‘Por isso, a epístola de São Tiago é uma epístola bem insípida [...] se comparada às demais [...]’ (LUTERO, 1997, p. 81).

“Este reformador, mais tarde, modificou sua posição [...]: “Quando São Tiago e Paulo dizem que um homem é justificado pelas obras, eles estão combatendo a noção errônea daqueles que pensam que a fé sem obras é suficiente”.

O Pf. Xavier acrescenta a opinião de João Calvino a respeito:

“O Reformador de Genebra não viu contradição entre Paulo e Tiago, pois entendeu que Tiago falava de uma fé falsa: ‘Pois transparece desde as primeiras palavras que ele fala de uma falsa profissão de fé: Ele não começa assim, ‘se alguém tem fé’; mas, ‘se alguém diz que tem fé’” (CALVIN, 1998, Tg. 2-14). Calvino, portanto, não teve a mesma dúvida de Lutero, mas compreendeu o sentido específico e claro a que Tiago se referia.”³

² WIERSBE, Warren, em Comentário Bíblico Expositivo do Novo Testamento, Vol.1. Tiago. Pg. 1.379.

³ XAVIER, Érico Tadeu. A Teologia de Lutero: Fé e Ação. Pgs.136-137. Disponível em <https://www.ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/download/129/122> (29/08/2023).

Feitos estes esclarecimentos, cabe observar que a carta de Tiago, a despeito de suas características judaicas e pouco ou nenhum desenvolvimento das doutrinas básicas cristãs, é uma carta cristã. Em seu comentário sobre esta epístola, Ton Carson escreveu:

“A ausência de doutrinas cristãs [nessa carta] não é tão grande quanto possa parecer, pois (a) nessa breve carta, Tiago reproduz mais palavras faladas por Jesus Cristo do que são encontradas em todas as outras cartas do NT juntas. (b) Duas vezes Tiago usa a expressão 'Senhor Jesus Cristo' (1.1; 2.1). (c) Ele fala do 'bom nome que sobre vocês foi invocado' (2.7). (d) Ele aplica a Cristo a palavra 'glorioso' (2.1) que certamente inclui a crença na Ressurreição, Ascensão e até na divindade de Cristo. (e) Ele se refere à segunda vinda de Cristo (5.7). (f) Há alusão à regeneração do Espírito e à soberania divina na nossa salvação em 1.18. (h) Os presbíteros da igreja são mencionados em 5.14. (i) Seus leitores não são somente 'irmãos', mas 'meus amados irmãos' (1.16; 2.5).”⁴

Alguns comentaristas, observam que a carta de Tiago possui fortes semelhanças com o Sermão do Monte e outras pregações de Jesus. Exemplos.

Tiago	Jesus, no Sermão do Monte em Mateus
1.2 - <i>“Considerem motivo de grande alegria sempre que passarem por qualquer tipo de provação”.</i>	5.11, 12 - <i>“Felizes são vocês quando, por minha causa sofrerem [...]. Alegrem-se [...] porque uma grande recompensa os espera no céu”.</i>
1.5 - <i>“Se algum de vocês precisar de sabedoria, peça a nosso Deus [...]. Façam-no com fé [...].”</i>	7.7,8 - <i>“Peçam, e receberão [...]. Todos que pedem, recebem [...].”</i>
1.22 - <i>“Não se limitem a ouvir a Palavra; ponham-na em prática.”</i>	7.21-27 - <i>“Nem todos que me chamam: ‘Senhor! Senhor!’ entrarão no reino dos céus, mas aqueles que, de fato, fazem a vontade de meu Pai [...].”</i>
3.18 - <i>“Aqueles que são pacificadores, plantarão sementes de paz e ajuntarão uma colheita de justiça.”</i>	5.9 - <i>“Felizes os que promovem a paz, pois serão chamados filhos de Deus”.</i>
4.11 - <i>“Irmãos, não falem mal uns dos outros. Se criticam e julgam uns aos outros, criticam e julgam a lei [...].”</i>	7.1-5 - <i>“Não julguem para não serem julgados [...].”</i>
5.12 - <i>“Não jurem pelo céu nem pela terra [...]. Que seu ‘sim’ seja de fato sim, e seu ‘não’, não [...].”</i>	5.34,37 - <i>“[...] não façam juramento algum [...]. Quando disserem ‘sim’, seja de fato sim. Quando disserem não, seja de fato não. Qualquer coisa além disso vem do maligno.”</i>

Tiago cresceu com Jesus, na mesma família, na mesma casa. Mesmo não crendo ainda em Jesus como Filho de Deus, seu Messias, Salvador e Mestre, ele provavelmente ouviu muitos dos ensinamentos de Jesus e presenciou muitos dos seus milagres (Jo 7.4). Como observado acima, lembrou principalmente dos preciosos ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte.

⁴ CARSON, Tom. Tiago, em Comentário Bíblico NVI, Antigo e Novo Testamento. F.F. Bruce. Pg. 2130.

Obviamente, não cabe aqui uma exposição da carta de Tiago, versículo por versículo. O tema principal - fé e obras - já foi mencionado e comentado, pelo menos em parte. Vou somente destacar e comentar brevemente os sub-temas principais em cada capítulo. Esta carta tem certa semelhança com os Provérbios de Salomão no Velho Testamento - com muitas máximas, conceitos expressos em frases curtas, mas sempre fazendo sentido com o contexto.

Capítulo 1 - Alegrem-se nas provações

Os judeus de época de Tiago, os que se converteram a Cristo, foram desprezados e perseguidos por judeus não convertidos e por membros abastados e influentes da sociedade romana. Tiago sabe de suas provações e resultantes tentações. Mas não os acalenta, não alimenta possíveis queixumes, tristezas, desânimo ou mesmo esfriamento da fé. Ao contrário, exorta-os dizendo: *“Irmãos, considerem por motivo de grande alegria sempre que passarem por qualquer tipo de provação [...]”*.

Como assim? Parece muito estranho! Tiago explica: *“Quando sua fé é provada [desse modo] a perseverança tem oportunidade de crescer [...]”* Só assim *“vocês serão maduros e completos [...]”* Um pouco à frente, ele acrescenta uma palavra de ânimo: *“Feliz aquele que suporta com paciência as provações, porque depois receberá a coroa da vida [vida eterna] que Deus prometeu àqueles que o amam ”* (1.2-4,12).

Boas palavras! Contudo, Tiago também sabe que isso não é fácil de praticar. As provações são uma ameaça à fé, à confiança no Senhor. Mesmo os cristãos mais sinceros e piedosos, quando perseguidos e ameaçados de morte, ou quando adoecem ou perdem um ente querido, ficam abalados, cheios de dúvidas: *“Deus está fazendo isto? Será que ele está mesmo no controle de todas as coisas? Ele realmente nos ama? Por que permite...?”* Sofrido, o crente fica confuso e pode até pensar que Deus é a causa do que lhe está acontecendo. Com o sofrimento e as dúvidas, vêm as tentações: reagir de tal ou qual maneira, com raiva, agressividade, inveja. Pior, abandonar as reuniões da igreja, negar a fé.

Moro em Brasília onde colaboro no pastoreio de uma igreja. Presentemente eu e minha esposa estamos passando uns tempos em Calgary, Canadá, na casa de um filho. Ele é pastor de uma igreja de canadenses e brasileiros. Domingo passado ele pregou sobre o tema *Uma Igreja Encorajadora*. Com forte embasamento bíblico, falou sobre (1) A necessidade do encorajamento; (2) O poder do encorajamento; e (3) A fonte do encorajamento. Um canadense que tinha visitado a igreja há alguns domingos, voltou neste domingo e ouviu a mensagem. No dia seguinte, segunda-feira, ele escreveu ao meu filho dizendo o quanto o referido sermão o tinha abençoado e encorajado. Ele até mencionou as três partes do sermão. Relatou também que ele e sua esposa tinham sido ativos em sua igreja, mas afastaram-se da mesma quando seu filho jovem suicidou-se. Foi demais! Ficaram revoltados com Deus, amargurados e confusos. Sucumbiram à provação! Como se não bastasse, dias atrás, ele e outros seis mil funcionários de uma grande empresa foram demitidos. Ele trabalhava ali há cerca de 30 anos, em cargo de chefia. Que provações! Certamente, foi Deus quem o conduziu ao templo nesse domingo para ouvir aquela mensagem encorajadora.

Côncio das provações e lutas de seus leitores cristãos, Tiago não somente os encorajou, mas recomendou-lhes que se alegrassem com as próprias provações e fizessem o seguinte:

- a) **Orem pedindo sabedoria.** *"Se algum de vocês precisar de sabedoria, peça a nosso Deus generoso, e receberá [...]. Mas, quando pedirem, façam-no com fé, sem vacilar [...]"*. A versão Revista e Atualizada, traduz: *"[...] peça-a, porém, com fé, em nada duvidando [...]"* (1.5-8). Com essa sabedoria, o mais pobre não ficará a lamentar sua pobreza, sentindo-se humilhado, esquecido de Deus, pois, *"tem motivo para se orgulhar [se regozijar], porque é digno de honra."* Ou seja, é um filho de Deus, salvo pela graça! E o mais rico pode se orgulhar [se regozijar] também, não de sua riqueza e status mas *"porque é insignificante"*. Ou seja, sua verdadeira riqueza e real valor é, também, ser um filho de Deus, salvo pela graça! Até porque *"Ele murchará como uma pequena flor do campo [...]"* (1.9-11). Esse reconhecimento ou auto-conhecimento será de grande valor para pobres e ricos, quando passarem por provações. Ambos têm motivos para se regozijar!
- b) **Identifiquem a fonte de suas provações e tentações.** Deus não é o culpado! *"Quando vocês forem tentados, não digam: 'Esta tentação vem de Deus', pois Deus nunca é tentado [...] e ele mesmo nunca tenta alguém [...]. A tentação vem de nossos próprios desejos, que nos seduzem e nos arrastam [...]"*. Nossos desejos geralmente são egoístas: *"Não queríamos passar por isso, não aceitamos isso... Queremos..."*. Pensamos apenas no que nos falta ou nas circunstâncias adversas, e nos esquecemos das bênçãos do Pai. Por isso, Tiago lembra: *"Toda dádiva que é boa e perfeita vem do alto, do Pai [...]"* (1.14-18).

Em síntese, esse é o segredo da alegria nas provações:

- a) Entender que as mesmas exercitam e fortalecem a fé.
- b) Orar com fé pedindo sabedoria.
- c) Independentemente da própria pobreza ou riqueza, alegrar-se no Senhor e na sua salvação.
- d) Saber que provações e tentações não vêm de Deus; dele vêm as boas dádivas.

Alguns desses assuntos são recorrentes na carta de Tiago. Nos capítulos seguintes, ele dirá mais sobre provações, oração, sabedoria, ricos e pobres...

Capítulo 2 - Deem testemunho de sua fé

Como foi dito acima, o tema mais importante na carta de Tiago é a prática da fé. De fato, tudo o mais que o apóstolo diz é prática da fé. No capítulo dois, ele argumenta: *"De que adianta, meus irmãos, dizerem que têm fé se não a demonstram por meio de suas ações? Acaso esse tipo de fé pode salvar alguém?"*.

Na sequência, o apóstolo exemplifica seu argumento com duas situações reais:

- a) *"Meus irmãos, como podem afirmar que têm fé em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo se mostram favorecimento a algumas pessoas? Se, por exemplo, alguém chegar a uma de suas reuniões vestido com roupas elegantes e usando joias caras, e também entrar um pobre com roupas sujas, e vocês derem atenção ao que está bem vestido, dizendo-lhe:*

'Sente-se aqui neste lugar especial', mas disserem ao pobre: 'Fique em pé ali ou sente-se aqui no chão', essa discriminação não mostrará que agem como juízes guiados por motivos perversos?' (2.1-4). Outra vez, pobres e ricos...

Lamentavelmente, acontece ainda hoje em nossas igrejas e nas relações sociais. Os *"motivos perversos"* podem ser vaidade, honra, vantagens pessoais, arrecadação financeira da igreja, etc.

- b) *"Se um irmão ou uma irmã necessitar de alimento ou de roupa, e vocês disserem: 'Até logo e tenha um bom dia; aqueça-se e coma bem', mas não lhe derem alimento nem roupa, em que isso ajuda?"* (2.14-16)

Para reforçar ainda mais seu argumento sobre fé verdadeira, Tiago cita dois exemplos do Velho Testamento, o de Abraão e o de Raabe.

- a) *"Não lembram que nosso antepassado Abraão foi **declarado justo** por suas ações quando ofereceu seu filho Isaque sobre o altar? Como veem, sua fé e suas ações atuaram juntas e, assim, as ações tornaram a fé completa. E aconteceu exatamente como as Escrituras dizem: 'Abraão **creu em Deus**, e assim foi considerado justo' [...]. Vejam que somos declarados justos pelo que fazemos, e não apenas pela fé"* (2:21-23).

Nova Versão Transformadora	Versão Revista e Atualizada
<i>"Abraão foi declarado justo"</i>	<i>"Abraão foi justificado"</i>
<i>"Abraão creu em Deus, e assim foi considerado justo"</i>	<i>"Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça"</i>
<i>"Vejam que somos declarados justos pelo que fazemos, e não apenas pela fé"</i>	<i>"Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente"</i>

- b) *"Raabe, a prostituta é outro exemplo. Ela foi declarada justa [justificada] por causa de suas ações quando escondeu os mensageiros e os fez sair em segurança por um caminho diferente"* (2.25).

É neste contexto imediato que Tiago afirma:

"Como veem, a fé por si mesma, a menos que produza boas obras, está morta" (2.17).

"Assim como o corpo sem fôlego está morto, também a fé sem obras está morta" (2.26).

Tais declarações, como já foi dito, foram um tropeço para o reformador Lutero, e outros. Hoje, com o auxílio de tantos estudos e comentários, entendemos melhor o que o apóstolo quis dizer. O mais importante é não tirar os textos (sejam os de Paulo, sejam os de Tiago) de seu contexto. A propósito, cabe aqui, muito apropriadamente, esta antiga explicação do teólogo A.M.Hadgkin:

*"Paulo usa o termo 'justificado' para falar de '**justiça atribuída**' [mediante a fé]. Tiago usa o mesmo termo para falar de '**justiça evidenciada**' por obras"*

*que resultam da fé. É interessante observar que Paulo usa a expressão 'ricos em boas obras' (I Tm 6.18), e Tiago usa a expressão 'ricos na fé' (Tg 2.5)."*⁵

Não deixe de ver Rm 3.28,30; 4.5; 5.1.

Capítulo 3 - Controlem sua língua

Ao que parece, os cristãos judeus aos quais Tiago originalmente escreveu, tinham sérios problemas com a língua. Sofrendo perseguições e provações, eles falavam demais, ensinavam demais, ouviam pouco, davam respostas precipitadas e se iravam uns com os outros. Já no primeiro capítulo, o apóstolo os advertiu a respeito. Eles precisavam ouvir mais, falar menos e, sobretudo, esvaziar a mente e o coração de toda maldade e, então, ouvir e praticar a Palavra de Deus que lhes era ensinada.

"[...] estejam todos prontos para ouvir, mas não se apressem em falar nem em se irar [...]. Removam toda impureza e maldade e aceitem humildemente a palavra que lhes foi implantada no coração, pois ela tem poder para salvá-los. Não se limitem, porém, a ouvir a palavra; ponham-na em prática. Do contrário, só enganarão a si mesmos" (1.19-22).

Agora, no capítulo três, Tiago escreve extensivamente sobre o poder e os pecados da língua. Em resumo:

"Meus irmãos, não sejam muitos de vocês mestres!" (3.1). Ou seja, apressados em dar conselhos, ensinar, julgar, condenar...

"Todos nós cometemos muitos erros. Se pudéssemos controlar a língua, seríamos perfeitos, capazes de nos controlar em todos os outros sentidos" (3.2).

Então, o mais difícil é controlar a língua! Um órgão tão pequeno, comparado com outros do corpo humano. Mas como é importante! Tiago faz algumas comparações, coisas que, embora pequenas como a língua, são muito importantes ou poderosas para o bem ou para o mal:

- a) A língua é como um freio na boca do cavalo. Com ele, podemos conduzir o animal para onde quisermos (3.3).
- b) A língua é como o leme de um navio. Com ele, o piloto o dirige, mesmo com ventos fortes (3.4).
- c) A língua é como uma simples fagulha. Tão pequena, mas é capaz de incendiar uma grande floresta. A língua é uma chama de fogo. Ateia fogo a uma vida inteira (3.5,6).

Tiago adverte também contra o uso contraditório ou incoerente da língua, muitos usam-na ora para louvar, ora para amaldiçoar aqueles que Deus criou à sua imagem.

"Meus irmãos, isso não está certo! Acaso de uma mesma fonte pode jorrar água doce e amarga? Pode a figueira produzir azeitonas ou a videira produzir

⁵ HADGKIN, A.M. Christ in All Scriptures, Third Edition. London, 1909. Forgotten Books, 2016. Pgs. 241-242. Disponível em https://www.forgottenbooks.com/en/download/ChristinAlltheScriptures_10135999.pdf. (7/09/2023).

figos? Da mesma forma, não se pode tirar água doce de uma fonte salgada” (3.9-12).

Nesse contexto, Tiago volta a falar de sabedoria, aquela mesma que devemos pedir a Deus em oração para enfrentarmos provações (1.5). Precisamos dela também para controlar a língua e usá-la como instrumento de bênção.

“Se vocês são sábios e inteligentes [para falar tanto, dar conselhos e ensinar] demonstrem isso vivendo honradamente, realizando boas obras com a humildade que vem da sabedoria. Mas, se em seu coração há inveja amarga e ambição egoísta, não encubram a verdade com vanglórias e mentiras. Porque essas coisas não são a espécie de sabedoria que vem do alto; antes, são terrenas, mundanas e demoníacas [...]. A sabedoria que vem do alto é, antes de tudo, pura. Também é pacífica, sempre amável e disposta a ceder a outros. É cheia de misericórdia e é o fruto de boas obras. Não mostra favoritismo e é sempre sincera” (3.13-17).

Não será que nós, cristãos hodiernos, temos pecado com a língua no contexto do nosso lar, trabalho e igreja? Quantas discussões desnecessárias e mesquinhas, e até brigas, ocorrem em lares cristãos? Mais críticas e queixas do que elogios, encorajamento e gratidão! E na igreja? No capítulo seguinte, Tiago vai recomendar: *“Irmãos, não falem mal uns dos outros!” (4.11).*

Capítulo 4 - Faça sua escolha: O mundo ou Deus!

Como vimos nos capítulos anteriores, os judeus cristãos aos quais Tiago originalmente escreveu tinham problemas com a língua: falavam demais, tinham conselhos e respostas na ponta da língua, julgavam-se mestres uns dos outros, não praticavam o que os verdadeiros mestres lhes ensinavam, ou seja, a Palavra de Deus. Daí estas exortações:

“Estejam todos prontos para ouvir, mas não se apressem em falar nem em se irar [...]. Aceitem humildemente a palavra que lhes foi implantada no coração [...]. Não se limitem a ouvir a palavra; ponham-na em prática [...]. Não sejam muitos de vocês mestres [...].” (1.19-22; 3.1).

Agora, no capítulo 4, Tiago expõe a causa básica desses pecados.

“De onde vêm as discussões e brigas em seu meio? Acaso não procedem dos prazeres que guerreiam dentro de vocês? Querem o que não têm, e até matam para consegui-lo. Invejam o que outros possuem, lutam e fazem guerra para tomar deles” (4.1-2).

Tiago não condena o desejar certas coisas materiais ou circunstâncias mais favoráveis. Ele condena a motivação errada, o querer só por mero prazer ou somente porque outros o têm. Aqueles judeus cristãos não costumavam orar por suas reais necessidades, submissos à vontade de Deus.

“[Vocês] não têm o que desejam porque não pedem. E, quando pedem, não recebem, pois seus motivos são errados; pedem apenas o que lhes dará prazer” (4.2-3).

Na sequência, o apóstolo aprofunda a questão toda, a causa básica das discussões, das brigas, da inveja, da ambição, das orações equivocadas...

- a) **Adulterio espiritual.** Eles estavam sendo infieis àquele que os amava e os abençoava graciosamente, de todas as maneiras; estavam de amizade com o mundo ou amando o mundo mais do que a Deus.

"Adúlteros! Não percebem que a amizade com o mundo os torna inimigos de Deus? Repito: se desejam ser amigos do mundo, tornam-se inimigos de Deus. O que vocês acham que as Escrituras querem dizer quando afirmam que o Espírito colocado por Deus em nós tem ciúmes? Contudo, ele generosamente nos concede graça" (4.4-6).

- b) **Orgulho.** Aqueles cristãos pensavam poder tocar a vida a seu modo; pior, à moda do mundo incrédulo e orgulhoso. Coisa do diabo! Tiago, então, lhes escreve com firmeza:

"Submetam-se a Deus. Resistam ao diabo, e ele fugirá de vocês. Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês. Lavem as mãos, pecadores; purifiquem o coração, vocês que têm a mente dividida. Que haja lágrimas, lamentação e profundo pesar. Que haja choro em vez de riso, e tristeza em vez de alegria. Humilhem-se diante do Senhor, e ele os exaltará" (4.7-10).

Tudo isso aplica-se a nós, cristãos do século XXI. Tem-se dito, metaforicamente, que a igreja é como um navio no mar. O navio precisa estar no mar, foi feito para isso; somente ali tem utilidade. Mas, obviamente, o mar não pode entrar no navio. A igreja precisa estar no mar do mundo para cumprir sua missão, mas o mundo não pode entrar na igreja. Há muito de mundo em nossos corações, em nossos lares e em nossas igrejas: vaidade, egoísmo, inveja, ambições, discussões, brigas, motivações materialistas, orações equivocadas... Flertamos com o mundo! Precisamos nos aproximar mais de Deus, e amá-lo mais do que a qualquer coisa ou pessoa! (Dt 6.5). Precisamos de um quebrantamento espiritual, um reavivamento: *"Que haja lágrimas, lamentação e profundo pesar. Que haja choro em vez de riso, e tristeza em vez de alegria."* Arrependimento sincero e completa submissão a Deus!

Tiago conclui este capítulo com outras duas correções, ambas resultantes dessa maior aproximação e comunhão com o Senhor, em plena submissão e humildade:

- a) **Não julguem os outros.**

"Irmãos, não falem mal uns dos outros. Se criticam e julgam uns aos outros, criticam e julgam a lei. Cabe-lhes, porém, praticar a lei, e não julgá-la. Somente aquele que deu a lei é Juiz, e somente ele tem poder de salvar ou destruir. Portanto, que direito vocês têm de julgar o próximo?" (4.11-12)

- b) **Submetam seus planos à vontade de Deus.**

"Vocês que dizem: 'Hoje ou amanhã iremos a determinada cidade e ficaremos lá um ano. Negociaremos ali e teremos lucro' [...]. O que devem dizer é: 'Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isso ou aquilo'. Caso contrário, estarão se orgulhando de seus planos pretensiosos, e toda presunção como essa é maligna" (4.14-16).

Capítulo 5 - Paciência e oração

Neste último capítulo de sua carta, Tiago faz uma advertência aos ricos corruptos, fala da volta de Cristo e, mais uma vez, encoraja a prática da oração.

a) Riquezas mal adquiridas não são um bom negócio!

Tiago escreve aos ricos egoístas e desonestos que ficaram ricos explorando seus empregados:

"Chorem e gemam de angústia por causa das desgraças que os esperam. Sua riqueza apodreceu, e suas roupas finas são trapos comidos por traças. Seu ouro e sua prata estão corroídos [...]" (5.1-3).

Como dito anteriormente neste estudo, *Tiago, o irmão do Senhor*, embora ainda não convertido na ocasião, deve ter ouvido o Sermão do Monte de Jesus e gravado em sua mente este e outros dos seus ensinamentos:

"Não ajuntem tesouros aqui na terra, onde as traças e a ferrugem os destroem, e onde ladrões arrombam casas e os furtam. Ajuntem seus tesouros no céu, onde traças e ferrugem não destroem, e onde ladrões não arrombam nem furtam" (Mt 6.19-20).

Tiago acrescenta a garantia de que os que enriqueceram desonestamente, explorando seus empregados, serão julgados por isso no fim dos tempos:

"Esse tesouro corroído que vocês acumularam testemunhará contra vocês nos últimos dias. Por isso, ouçam os clamores dos que trabalharam em seus campos, cujo salário vocês retiveram de modo fraudulento! Sim, os clamores dos que fizeram a colheita em seus campos chegaram aos ouvidos do Senhor dos Exércitos" (5.4-6).

No Salmo 73, o salmista Asafe confessou ter enfrentado uma crise espiritual séria por causa da prosperidade e aparente tranquilidade dos perversos. Estabilizou-se quando, meditando e orando no templo, considerou o destino que os aguardava: *"[...] entendi o destino deles. Tu os puseste num caminho escorregadio e os fizeste cair do precipício para a destruição" (Vs. 17-19).*

Essa referência a um acerto de contas *"nos últimos dias"* é um dos poucos pontos doutrinários na carta de Tiago. Alguns teólogos entendem, como de fato algumas passagens sugerem, que a expressão *"últimos dias"* refere-se a este período de tempo que estamos vivendo desde a encarnação, morte e ressurreição de Cristo até sua segunda vinda. De qualquer modo, aponta para o retorno glorioso do Senhor Jesus e para o juízo final. Ele dirá mais a respeito no parágrafo seguinte.

b) Trabalhadores explorados precisam ter paciência.

O Senhor está ouvindo seus clamores; os ricos que os exploram hão de prestar contas.

"Por isso, irmãos, sejam pacientes enquanto esperam a volta do Senhor" (5.7).

Para reforçar este apelo, Tiago cita três exemplos de paciência: (1) Os lavradores semeiam, esperam as chuvas e, então, a colheita (v.7). (2) Os profetas *"permanecem firmes em meio à aflição"* (vs.7-8). (3) Jó, a despeito de grande sofrimento, perseverou e esperou (v.11).

Como o apóstolo Paulo, Tiago pensava que estava vivendo mesmo *"os últimos dias"*, no sentido literal. Por isso, acrescentou: *"Irmãos, não se queixem uns dos outros, para que não sejam julgados. Pois, vejam, o Juiz está à porta!"* (5.9. Ver I Ts 4.15).

c) Oração por cura física e espiritual.

No primeiro capítulo desta carta, Tiago recomendou aos que estavam passando por provações e enfrentando tentações:

"Se algum de vocês precisar de sabedoria, peça a nosso Deus generoso, e receberá [...]. Mas, quando pedirem, façam-no com fé, sem vacilar [...]" (1.5-6).

Aqui, concluindo a carta, e ainda com mais ênfase, ele recomenda aos seus leitores que orem quando passarem por dificuldades e cantem louvores quando estiverem bem e felizes:

"Algum de vocês está passando por dificuldades? Então ore. Alguém está feliz? Cante louvores" (5.13).

Certamente Isto pode ser entendido também num sentido menos pessoal e mais congregacional, fraternal e empático. Os crentes, irmãos em Cristo, devem orar intercessoriamente pelos que estiverem em dificuldade e alegrar-se com os que estiverem alegres. Assim recomendou também o apóstolo Paulo:

"Alegrem-se com os que se alegram e chorem com os que choram" (Rm 12.15).

A dificuldade e o choro mais sofridos, muitas vezes, resultam de uma doença. Sofre o doente, sofrem os familiares. Nesse caso, Tiago recomenda:

"Alguém está doente? Chame os presbíteros da igreja para que venham e orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. Essa oração de fé curará o enfermo, e o Senhor o restabelecerá" (5.14-15).

Essa passagem, ou seja, a oração por cura associada ou não à unção com óleo, é assunto polêmico. Em certos setores da igreja, afirma-se que a *"oração de fé"* mais a unção com óleo **sempre** curam o enfermo. Se este não é curado, alega-se que faltou fé. Mas, não é bem assim. Cabem aqui as seguintes observações:

- a) No grego original o termo traduzido por “doente” significa “fraco”. O crente nessa condição não pode sair e comparecer a uma reunião da igreja para pedir ajuda e oração. Então ele chama os presbíteros, (anciãos), líderes da igreja, mais experientes, mais pastorais e visitantes. Eles representam a igreja. A iniciativa é do crente que está doente, fraco e necessitado de ajuda. A oração e a unção com óleo acontecem a seu pedido e em sua casa. Essa observação é importante tendo em vista o fato de que, em algumas igrejas, isso é feito comumente nos cultos da igreja reunida, atribuindo-se ao “ritual” um valor excessivo, quase supersticioso.
- b) No VT, a unção com óleo era praticada na consagração de reis e juízes e também sobre móveis e utensílios separados para o serviço a Deus (I Sm 16.13; II Sm 2.4; Êx 29.36-37). No NT, isso não acontece. A unção com óleo visando ao exercício de um ministério ou serviço a Deus foi substituída pela imposição de mãos (At 6.5-6; II Tm 1.6).
- c) Tiago não recomendou a unção com óleo como rito religioso obrigatório ou supondo que a mesma daria mais poder à oração. Mais provavelmente, simbolizava a ação do Espírito Santo que consola, alegra, renova e cura (II Co 1.21-22; I Jo 2:20-27). Jesus curou enfermos e deficientes físicos sem ungi-los com óleo. Os Doze enviados por Jesus “[...] curaram muitos enfermos, ungiendo-os com óleo” (Mc 6.13). Entretanto, relatos posteriores de curas realizadas por eles e pelo apóstolo Paulo não incluem a unção com óleo. Não era obrigatória e imprescindível.
- d) A promessa de que “a oração de fé curará o enfermo” supõe que um ou mais dos presbíteros chamados para orar pelo doente teria uma “grande fé” e o “dom da cura”, dádivas soberanas do Espírito (I Co 12.9). E não só isso, ele seria induzido pelo Espírito a fazer tal oração.
- e) Tiago acrescenta: “E, se cometeu algum pecado, será perdoado.” (5.15b). Nem todas as doenças resultam de um pecado específico (ver Jo 9.2-3). Entretanto, pode ser que tal ou qual enfermidade seja uma disciplina do Senhor por um pecado reincidente não confessado (Hb 12.6-8). Por isso, a ministração dos presbíteros ou de algum outro irmão zeloso e espiritual (ver Gl 6.1) deve incluir uma orientação bíblica e uma admoestação que ajudem o enfermo a se arrepender e confessar. Tiago generaliza essa recomendação e conclui: “Portanto, confessem seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados [...]. Meus irmãos, se algum de vocês se desviar da verdade e for trazido de volta, saibam que quem trouxer o pecador de volta de seu desvio o salvará da morte e trará perdão para muitos pecados” (5.16a,19-20). Essa prática corajosa e honesta trará cura espiritual e física para muitos na igreja!
- f) Por fim, para enfatizar o poder da “oração de fé”, a que não duvida do poder de Deus, Tiago lembra o exemplo de Elias: “Elias era humano

como nós e, no entanto, quando orou insistentemente para que não caísse chuva, não choveu durante três anos e meio. Então ele orou outra vez e o céu enviou chuva, e a terra começou a produzir suas colheitas” (5.16b-18). Gosto da tradução Revista e Atualizada, que diz: “Elias era um homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou [...]”. Não poucas vezes, irmãos enfermos ou em necessidade recorrem a um pregador famoso, supostamente de “grande fé” e lhe pede uma “oração poderosa”. A oração só tem poder quando o que a faz confia inteiramente nos desígnios e no poder de Deus. Tiago exortou seus leitores a orarem “com fé, sem duvidar” do poder de Deus ou de Cristo!

CONCLUSÃO

Não podemos nem imaginar como pode ter sido a convivência de Tiago e seus irmãos e irmãs, nascidos de José e Maria, com o meio irmão, nascido de Maria, virginalmente. As histórias do nascimento miraculoso de Jesus e as revelações sobre sua pessoa e sua missão certamente foram lembradas em família, repetidas vezes. Além disso, Jesus era diferente! Criança serena, adolescente sem crise, obediente aos pais, bondoso com os irmãos, enfim, perfeito! Nunca fez nada errado, nunca pecou! (Hb 4.15). Os irmãos admiravam, desconfiavam, tinham inveja... Não sabemos. Podemos apenas supor que algo daquele exemplo ficou gravado em suas mentes.

Todos adultos, Jesus começou seu ministério público. Mestre por excelência, profundo conhecedor das Escrituras, ministrava a Palavra como nenhum outro em Israel (Mt 7.28). Fosse por isso ou pelos milagres que fazia, multidões o seguiam. Muitos acreditaram ser ele o Messias. Mais que isso, muito mais, o Filho de Deus! Entretanto, a despeito da prolongada convivência com ele, na mesma cidade e na mesma casa no passado, e a despeito de seus ensinamentos e milagres no presente, seus irmãos, e muitos outros, não creram nele (Jo 7.5). *“Crescemos juntos, brincamos e trabalhamos juntos... E agora ele se diz Filho de Deus! Ou é megalomaniaco ou está perturbado da cabeça!”*

Passados três anos, Jesus começou a falar de sua própria morte. Deixou claro que não seria acidental, nem inevitável. Seria um sacrifício voluntário, em expiação pelos pecados daqueles que Deus haveria de salvar. E mais, morto, ele ressuscitaria no terceiro dia! Como profetizou, aconteceu. Ressurrecto, ele apareceu aos seus discípulos e a cerca de quinhentas pessoas que haviam crido nele. Como já foi dito neste estudo, ele apareceu também a Tiago, seu irmão! Não sabemos ao certo se Tiago se converteu e creu em Jesus porque este lhe apareceu vivo depois de ter sido crucificado, ou se foi a cena do Calvário, três dias antes, que o convenceu. Até porque Jesus resurrecto, apareceu apenas aos crentes.

O fato é que Tiago, como já comentamos acima, tornou-se um crente piedoso e líder da igreja de Jerusalém. E escreveu esta carta encorajando fortemente seus leitores a viverem praticamente a fé cristã. Ele não se referiu a Jesus senão uma ou duas vezes, (1.1; 2.1), mas reproduziu, à sua maneira, muito dos ensinamentos de Jesus. A ênfase de sua carta, como vimos, é a prática da Palavra de Deus ou, para dizer de outra maneira, a

prática da fé. Certamente estava lembrado da ilustração de Jesus no final do Sermão da Montanha: *"Quem ouve minhas palavras e as pratica é tão sábio como a pessoa que constrói sua casa sobre uma rocha firme [...]"* (Mt 7.24).

Li um estudo sobre a carta de Tiago apropriadamente intitulado *"Uma religião verdadeira"*. Essa carta é toda ela sobre *"a religião pura e verdadeira aos olhos de Deus, o Pai [...]"* (Tg 1.27). Essa religião nós a aprendemos nas Escrituras, pois, como escreveu o apóstolo Paulo:

"Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (II Tm 3.16-17).

Principais obras consultadas e citadas

ALEXANDER, David. Manual Bíblico Ilustrado, Editorial Caribe, Miami, FL, USA. 1976.

Bíblia de Estudo NVT. Tradução Suzana Klassen. Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP. 2018.

CARSON, Ton. - Tiago. Em Comentário Bíblico NVI, Antigo e Novo Testamento. Tradução Waldemar Kroker. Editora Vida, São Paulo, SP, 2009.

DEVER, Mark. A Mensagem do Novo Testamento. A mensagem de Tiago. Pgs. 444ss. Disponível em https://kupdf.net/download/a-mensagem-do-novo-testamento-mark-dever_58c9538bdc0d605718339028_pdf. 03/09/2023.

HADGKIN, A.M. Christ in All Scriptures, Third Edition. London, 1909. Forgotten Books, 2016. Disponível em https://www.forgottenbooks.com/en/download/ChristinAlltheScriptures_10135999.pdf. (7/09/2023).

MCALISTER, Walter. Estudos sobre Tiago, Religião Verdadeira. Instituto Bispo Roberto McAlister de Estudos Cristãos. Rio de Janeiro - RJ. Disponível em <http://www.ibrmec.com.br/artigos/categorias/videos/estudos-sobre-tiago/>. 04/09/2023.

UNGER, Merrill Frederick. Manual Bíblico Unger. Revisado por Gary N. Larson. Tradução Eduardo Pereira Ferreira e Lucy Yamakami. Editora Vida Nova, São Paulo, SP. 2006.

WIERSBE, Warren, em Comentário Expositivo do Novo Testamento, Vol.1, Primeira Edição).
